

MEISTER ECKHART E MARGUERITE PORÈTE: DOIS CAMINHOS DE NEGAÇÃO RADICAL SOB UM MESMO TRAÇO DISTINTIVO

MEISTER ECKHART AND MARGUERITE PORETE: TWO WAYS OF RADICAL NEGATION UNDER A SAME DISTINCTIVE FEATURE

MAESTRO ECKHART Y MARGUERITE PORETE: DOS CAMINOS DE NEGACIÓN RADICAL BAJO EL MISMO RASGO DISTINTIVO

Matteo Raschietti¹

RESUMO:

O artigo em questão visa um confronto entre a figura do dominicano Meister Eckhart e da *beguina* Marguerite Porète. Essa alma inflamada pelo amor de Deus escreveu o "Espelho das almas simples e aniquiladas", livro que foi queimado junto com ela pela Inquisição, no dia 1º de Maio de 1310 em Paris. Apesar de não haver documentos que comprovem a leitura por parte do dominicano dessa obra, há suficientes razões para reconhecer que seus temas centrais são os mesmo de Marguerite. Com efeito, a relação paradigmática com Deus em ambos os autores, torna-se um retorno a um fundo do Ser que Eckhart chama "Gottheit" e Marguerite "Néant".

Palavras-chave: Eckhart. Porète. Alma. Divindade. Nada.

ABSTRACT:

This article aims for a comparison between the figure of Dominican Meister Eckhart and the beguine Marguerite Porete. This soul inflamed by God's love wrote the "Mirror of the simple souls who are annihilated", book burned with her by the Inquisition, on the 1st of May of 1310 in Paris. Despite not having documents that prove the reading of this book by the Dominican, there are enough reasons to recognize that his central themes are the same as Marguerite's. In effect, the paradigmatic relation with God in both authors becomes a return to the innermost depth of the being which Eckhart calls "Gottheit" and Marguerite "Néant".

Keywords: Eckhart. Porète. Soul. Divinity. Nothing.

RESUMEN:

Este artículo en cuestión visa un enfrentamiento entre la figura del dominicano Maestro Eckhart y de la *beguina* Marguerite Porète. Esta alma inflamada por el amor de Dios escribió el "Espejo de las almas simples y aniquiladas", libro que fue quemado junto con ella por la Inquisición en el día 1º de Mayo de 1310 en París. A pesar de no haber documentos que comprueben la lectura de esta obra por el dominicano, hay razones

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de Campinas (UNICAMP), teólogo e filósofo, área de especialização: Idade Média - Meister Eckhart. E-mail: mbrasiliensis@uol.com.br

suficientes para reconhecer que sus temas centrales son los mismos de Marguerite. Con efecto, la relación paradigmática con Dios en ambos autores, se hace un retorno a un fondo del Ser que Eckhart llama “Gottheit” y Marguerite “Néant”.

Palabras-clave: Eckhart. Porète. Alma. Divinidad. Nada.

INTRODUÇÃO

No século XII, particularmente na França, Alemanha e nos Países Baixos, havia um grande número de mulheres sozinhas, pertencentes à classe social médio-baixa, que não podiam casar-se por escassez de homens, dizimados pelas cruzadas ou por guerras locais, e que não eram aceitas pelos poucos conventos femininos existentes na época (mais interessados em acolher jovens mulheres ricas e nobres). A única alternativa para essas mulheres (que passaram a se chamar de *beguinas*), era viver sozinhas nas periferias das cidades, rezando e ocupando-se com trabalhos manuais ou dedicando-se ao ensino.

A etimologia do nome *beguina* é obscura: a hipótese mais provável é que tenha origem na palavra flamenga *beghen*, que significa rezar. Segundo o Dicionário Italiano de Mística (1998),

o termo francês *begin[e]*, originalmente utilizado no Brabante Meridional, nos territórios de Liège e nas regiões renanas, pode ser uma corrupção popular de Alibigenses, ou deriva do verbo anglo-saxônico *beggen* (pregar, mendigar) ou ainda, mais provavelmente, do antigo francês *bege* (tipo de lã grossa ou não tingida) com o sufixo *inus*, ou seja *beg(u)inus*, pessoa que vestia o hábito dos hereges (cátaros ou lulardos)².

O fenômeno das *beguinas* (*mulieres religiosae beginae, begginae*), segundo Nachman Falbel, foi consequência da reforma gregoriana e da tendência à vida apostólica, inicialmente promovido pelos pregadores ortodoxos e depois também pelos hereges. As mulheres que optavam por esse novo tipo de vida, moravam em um lugar comum sob a direção de uma mestra, não emitiam os votos propriamente ditos, e se dedicavam à oração, ao trabalho manual, à assistência dos enfermos, ao cuidado dos cadáveres e à educação das crianças. De acordo com uma lenda do século XV, a corporação teria sido fundada, escreve Falbel, “por Santa Bega (+ 694), filha de Pepino, o Velho, ou pelo pregador penitencial Laberto, *le bégue* (o gago) ou *le bèguin*, em Liège, em

² BORRIELLO, L. - CARUANA E. - DEL GENIO, M.R. – SUFFI, N. (orgs.). *Dizionario di Mística*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. Disponível em: <http://eurositi.com/dizmistica/>

1177. Outros pensam que o nome deriva de albigenses, ou talvez do hábito *beige* (= bege, lã em seu estado natural) das mulheres”³.

Houve também a versão masculina das beguinas, denominada (com uma conotação negativa em sentido herético) begardos, que surgiram por volta de 1220 nos Países Baixos. Atuavam na assistência aos enfermos e no sepultamento dos mortos, e espalharam-se tão extensamente quanto as beguinas. Logo se desviaram de suas tendências iniciais, tornando-se suspeitos de heresia, assim que desapareceram antes do século XVI.

No século XIII o número dos conventos de beguinas cresceu rápida-mente em toda Europa, principalmente nas áreas urbanas, e ainda hoje existem 11 comunidades na Bélgica e 2 na Holanda. Apesar de não apresentarem nenhum sinal de heresia, as beguinas foram condenadas pelo IV Concílio de Latrão (1215), mas logo em seguida (1216) o papa Honório III aceitou-as verbalmente, até que o papa Gregório IX (1227-1241) aprovou-as com a bula *Gloriam virginalem* em 1233. Não obstante a aprovação papal, nos anos sucessivos houve uma série ininterrupta de condenações contra as beguinas: nos sínodos de Fritzlar (1259) e Mainz (1261), no Concílio de Lion (1274)⁴, nos sínodos de Eichstätt (1282) e Bérziers (1299), e, por fim, no Concílio de Vienne (1311-12), quando foram definitivamente condenadas como hereges.

No dia 1º de junho de 1310, na Place de Grève em Paris, foi queimada na fogueira a beguina Marguerite Porète, junto ao seu livro *Le miroir des simples âmes et anéanties* (O espelho das almas simples e aniquiladas), que influenciou decisivamente o pensamento de Meister Eckhart⁵.

³ FALBEL, N. *Heresias Medievais*. São Paulo: ed. Perspectiva, 1976, p. 81.

⁴ “É característico um relatório do franciscano Simão de Tournai sobre as condições da Igreja na França do norte e da Bélgica, destinado ao segundo Concílio de Lion de 1274. Entre outras coisas ele lembra que era possível observar, no meio das beguinas, o frenesi crescente de *subtilitates* e *novitates* teológicas. Além disso, elas, apesar de serem inexperientes na interpretação da Escritura, liam-na e explicavam-na em língua francês *in conventiculis, in ergastulis, in plateis*, nas praças. [...] De forma semelhante se expressa, no mesmo período, o famoso teólogo Henrique de Gand: ‘Estas mulheres procuram saber a respeito de coisas que não se condizem com elas’ (*Summa questionum ordinarium*, q. 12,1). Dessa forma caem sob o olhar da Inquisição”. RUH, K. *Meister Eckhart. Teologo, Predicatore, Mistico*. Brescia: Morcelliana, 1989, p. 147.

⁵ Dominicano alemão (1260-1328), enviado várias vezes a Paris (em 1293-94 em qualidade de *lector sententiarum*, em 1302-1303 e, em 1311-1313, como *magister sacrae theologiae*), ocupou cargos de primeiro plano na ordem (prior de Erfurt, vigário geral da Turíngia, provincial da Saxônia, vigário geral da Boêmia, vigário geral da Teutônia) e desenvolveu uma atividade intensa como pregador. Em 1314 foi enviado a Estrasburgo e, dez anos mais tarde, a Colônia, no *Studium generale* fundado por Alberto Magno. A brilhante carreira foi interrompida improvisamente pelo processo por heresia que o bispo de Colônia empreendeu contra ele, cujo desfecho foi a bula de condenação *In agro dominico* de 1329 (após a morte de

1 UMA ALMA INFLAMADA PELO AMOR DE DEUS

No final do século XIII o teólogo escolástico Henrique de Gand⁶ debatia a seguinte questão: “Pode uma mulher ser doutor em teologia?”⁷. Como bom escolástico, ele negou que uma mulher pudesse ser *ex officio* doutora em teologia por ela não possuir as quatro características públicas do *status* de doutor: constância, eficácia, autoridade e efeito. Apesar disso,

falando a respeito de ensinar *ex beneficio* e do ponto de vista do fervor da caridade, é lícito para uma mulher ensinar, assim como para qualquer outro, se ela tiver uma sã doutrina, em particular, em silêncio, não em público e diante da igreja [...] isto principalmente diante de mulheres ou moças: mas não diante dos homens, seja porque – como se diz – seu discurso poderia inflamar os homens para o desejo, ou porque para eles é torpe e inapropriado, como Jerônimo disse a Paulina⁸.

A preocupação de Henrique de Gand é reveladora de um fenômeno peculiar do século XIII, isto é, a emergência das mulheres na história do pensamento cristão e a consequente reivindicação de espaço no âmbito eclesial. Os comentários de Henrique provam que os teólogos parisienses tinham consciência do novo papel que as mulheres estavam assumindo na vida intelectual da Cristandade. Anos depois, no dia 1º de junho de 1310, uma mulher de nome Marguerite Porète era queimada publicamente como herege reincidente, porque não só não observou as limitações relativas ao ensino das mulheres, mas porque fora acusada de desvios doutrinários. Paradoxalmente, o livro dessa

Eckhart, ocorrida um ano antes). O destino singular pelo qual Eckhart passou da fama e do prestígio de uma posição nas altas esferas da ordem à infâmia de um processo por heresia, único em seu gênero contra um representante tão importante dos Dominicanos, se repercutiu também na história da interpretação, na qual se observam as posições mais controversas, do descrédito e da censura até a exaltação indiscriminada. O peso da condenação papal influenciou na circulação de suas obras, que chegaram até os dias de hoje de maneira fragmentada; apesar disso, elas alimentaram uma tradição submersa e eficaz que perpassou os séculos e, desde o começo, se estendeu além das fronteiras da área alemã.

⁶ Henrique de Gand (ou Henricus de Gandavo, ou Gandavensis) (c. 1217-1293), *Doctor solemnus* e *Summus doctorum*. Filósofo escolástico nascido em Gand (Ghent, em flamengo), da Bélgica flamenga. Ingressou no clero secular, havendo sido arqui-diácono em Bruges (1276), depois em Tournai (1279). Mestre em Artes. Mestre de Teologia em 1275, em Paris. Lecionou ali, de 1276 a 1292. Havendo exercido o magistério superior com notável prestígio, destacou-se com um dos teólogos seculares mais notáveis. Exerceu também funções na Universidade. Pertenceu à comissão que arrolou as questões condenadas em 1277, pelo arcebispo e Chanceler E. Tempier.

⁷ DE GAND, H. *Summae Quaestionum Ordinarium*, vol. 1, Art. XI, quaest. 11. Citado em: MCGINN, B. (org.). *Meister Eckhart and the Beguine Mystics. Hadewijch of Brabant, Metchthild of Magdeburg and Marguerite Porete*. New York: Continuum, 2001, p. 1.

⁸ “Loquendo autem de docere ex beneficio et charitatis fervore, bene licet mulierem docere sicut quemlibet alium si sanam doctrinam habeat: privatim: in silentio: non in publico et in facie ecclesiae ... hoc maxime mulieres alias et puellas: viros autem non, tum quia sermo earum virus ad libidinem inflammaret, ut dictum est, tum quia est turpe et inhonestum viris, secundum quod Hieronymus ad Paulinam”. *Idem*.

mulher, *O Espelho das Almas Simples e Aniquiladas*, teve uma influência profunda em um dos teólogos mais conhecidos da época, o dominicano Meister Eckhart. O livro continuou a ser lido na baixa Idade Média nas versões em francês, latim, inglês e italiano. Hoje em dia, ele é cada vez mais reconhecido como um dos trabalhos mais profundos, embora controverso, do misticismo especulativo da tradição cristã.

Marguerite Porète nasceu por volta de 1250-1260 na região do Hainaut, provavelmente na capital Valenciennes, na época diocese de Cambrai (noroeste da França). O bispo dessa diocese, Guido II de Colmien, durante os anos do seu governo (1296-1306), condenou Marguerite e fez queimar publicamente na cidade seu livro *Le miroir des âmes simples et anéanties*. Apesar disso a beguina, animada por um zelo missionário sem pares, continuou a espalhar no meio do povo seu livro e o ensinamento nele contido, respaldada pela perícia positiva de três teólogos, um franciscano, um cisterciense e um filósofo escolástico.

Em 1307, Marguerite foi conduzida diante do dominicano Guilherme Humbert de Paris - *inquisitor hereticae pravitatis in regno Franciae auctoritate sedis apostolicae deputatum* - um grande inquisidor que conduzia, naquela mesma época, o famoso e famigerado processo contra os Templários. Julgada “*pro convicta et confessa et pro lapsa in haeresim*” foi excomungada. No dia 11 de abril de 1309, vinte e um teólogos julgaram o livro da Porète herético e decretaram sua destruição, enquanto à autora foi concedido, como prescrevia o regulamento, de ficar um ano na cadeia para que pudesse se arrepender. Reconhecida “relapsa” pelo inquisidor e por uma comissão de canonistas, no dia 1º de junho de 1310 foi queimada viva junto com seu livro na Place de Grève em Paris.

2 UM “ESPELHO” PERIGOSO?

Le miroir des âmes simples et anéanties foi escrito em forma alegórica e, apesar de ele ter-se originado a partir da experiência mística da autora, desenvolveu-se de acordo com um gênero literário muito comum na época, os assim chamados “espelhos”, que eram tratados com uma forte valência didático-informativa.

Composto de 139 capítulos, o livro está dividido em duas partes: a primeira, que vai até o capítulo 121, é mais descritiva e termina com um triunfal hino à alegria; a segunda

compreende um apêndice constituído por algumas considerações da alma que, tendo chegado à vida do espírito, responde às exigências dos que desejam conhecer o caminho rumo à liberdade.

Junto à Alma, na busca do Amor nobre e puro, andam a Razão, a Cortesia, o Intelecto, o Amor, a Discrição, o Temor, o Desejo, as virtudes de Fé, Esperança, Caridade, a Verdade, a Santa Igreja, Deus, o Espírito Santo e o Próximo-Distante, que é a própria Trindade. Todos eles se expressam em vulgar francês ou, originariamente, em picardo.

Os teólogos parisienses e os inquisidores julgaram e condenaram essa obra guiados pelos seus métodos escolásticos, enquanto, como escreve Maria Lichtmann, viviam no mundo da Razão, e para eles Marguerite teria antecipado sua incapacidade de compreensão da linguagem do Amor falada pela 'Grande Igreja'⁹, à qual ela pertencia. Além dos muitos conselhos sobre a dificuldade de ler o seu livro, Marguerite parece antecipar a resposta dos clérigos 'sabidos' no seu poema 'Explícito':

vocês que irão ler este livro, se vocês quiserem mesmo compreendê-lo, pensem em o que vocês dirão, pois ele é muito difícil de se entender; .. Teólogos e outros clérigos, vocês não terão inteligência para tanto, não importa quão brilhantes sejam suas habilidades, se vocês não procederem humildemente. E que Amor e Fé juntos lhes façam superar Razão, pois são as senhoras da casa¹⁰.

Também as contingências históricas eram extremamente desfavoráveis a Marguerite: o rei da França, Filipe o Belo, usou o processo contra a beguina para restabelecer seus favores junto ao papa João XXII, após ter realizado sua vingança pessoal contra os poderosos Templários (perseguido-a como herege, o rei teria demonstrado sua incontentável ortodoxia).

3 O DOMINICANO E A BEGUINA

Kurt Ruh, formula duas teses a respeito da relação do Mestre dominicano com a beguina francesa:

⁹ "*L'église la grande*", segundo a metáfora de Marguerite, era a dos que verdadeiramente amavam a Deus, cuja tarefa era ensinar e alimentar "*l'église la petite*", à qual pertenciam os clérigos e os teólogos.

¹⁰ "Vous qui em ce livre lirez,/ se bien lê voulez entendre / pensez ad ce que vous direz,/ cal il est fort a comprendre;/ ... Theologiens ne aultres clers,/ point n'en aurez l'entendement / tant aiez ler engines clers se n'y procedez humblement./ Et que Amour et Foy ensement /vous facent sumonter Raison,/ qui dames sont de la maison." In: MCGINN. B. *Op. cit.* p. 67-68.

1) Eckhart conheceu, de alguma forma, o *Miroir* de Marguerite;

2) ele retomou afirmações decisivas desse livro – que correspondem ou que se aproximam de suas idéias – e deu-lhes, segundo seu pensamento, uma formulação mais precisa e sustentável do ponto de vista teológico.

A convivência do Mestre dominicano com o inquisidor e confrade Guilherme Humbert no convento dominicano de Saint Jaques, durante o segundo magistério parisiense (1311-1313), isto é, apenas um ano depois da execução da Porète, apóia a primeira tese.

Maria Lichtmann sustenta, por sua vez, a segunda tese:

enquanto mulher, beguina e mística, Marguerite transgrediu todos os limites impostos. No entanto, é lícito pensar que Eckhart superou as divisões eclesiásticas de gênero e chegou a reconhecer em Marguerite um espírito semelhante ao dele na audácia da expressão e, mais importante ainda, na autenticidade da experiência. A influência é tão óbvia no *Sermão 52* de Eckhart (*Beati paupere spiritu*), mas há suficientes razões para reconhecer que seus temas centrais do *abgescheidenheit* e *durchbrechen* são o *anéantissement* e a *caída do amor no nada* de Marguerite¹¹.

O Mestre dominicano, certamente, deu-se conta do extraordinário valor espiritual do livro de Marguerite, mas deve também ter reconhecido que muitas das suas proposições não haveriam superado o crivo do direito canônico. Se as afirmações, do ponto de vista dogmático, estavam apenas formuladas em modo imperfeito (como podia ser diferente, de uma mulher iletrada!), a questão era tornar seguras do ponto de vista teológico estas idéias e estas experiências que se referiam à perfeição, à unidade com Deus e à pobreza espiritual, para assim ressaltar toda sua força espiritual no lugar de deixá-las de lado. Esse não podia que ser o *nobile officium* de um pastor de almas com a mais alta competência teológica, de um mestre de espiritualidade que ganhava sucessos nos mais altos cargos da sua Ordem.

No mesmo espírito conclui Maria Lichtmann:

Eckhart não pôde ajudar mas identificou em Marguerite alguém que conheceu o *wüste Gotheit* (o deserto da deidade) assim como o nascimento do Amor na alma. Embora nós nunca possamos saber quão profundamente Marguerite influenciou o Meister, podemos ao menos colocar a questão 'Qual é a fonte do *Sermão 52* de Eckhart?' Nós ouviríamos certamente a resposta do próprio Eckhart a essa questão, quando ele nos diz que ela é 'a verdade mais além da especulação, que chegou imediata-mente do coração de Deus' (ES, 203)¹².

¹¹ McGINN. B. (org.). *Op. cit.* p. 70.

¹² McGINN. B. (org.). *Op. cit.* p. 85-86.

4 UM REFLEXO DA ALMA NA DIVINDADE

Mais do que um *itinerarium*, *O Espelho das almas simples e aniquiladas* é um verdadeiro reflexo da alma na divindade, *speculum*, portanto, no vazio, no infinito e na ausência de ser. Assim a alma tem a *emprainture* de Deus (*sigillum*, uma metáfora que o próprio Eckhart utilizará), expressão do desaparecimento do seu ser diante do ser infinito dele:

Esta alma tem a marca de Deus, e obteve sua verdadeira marca na união de amor; assim como a cera toma a forma do selo, esta Alma toma a marca deste verdadeiro modelo. [...] Convém, diz Amor, que esta Alma seja semelhante à divindade porque ela é transformada em Deus, diz Amor, do qual ela tomou sua verdadeira forma; a qual lhe foi concedida e doada, sem começo, de um só, que sempre a amou por sua bondade. Eh, Amor, diz esta Alma, o sentido do que é dito me tornou nada, e o nada disso só me colocou em um abismo inferior ao que não há medida. E o conhecimento do meu nada, diz esta Alma, me doou tudo, e o nada desse tudo, diz esta Alma, me tirou a oração e a reza, e eu não rezo nada (Mirouer, cap. L)¹³.

A alma é imagem de Deus em sentido ativo, porque sente falta dele, conforme o misticismo da presença:

Mas tão distante era esta donzela deste grande senhor, no qual tinha colocado seu amor, que não podia nem vê-lo nem tê-lo; pela qual coisa, muitas vezes estava em si mesma sem conforto, pois nenhum amor exceto este lhe era suficiente. E quando ela viu que este amor distante, que de tão próximo estava dentro dela, era exteriormente tão distante, pensou em si de confortar sua pena pela imaginação de alguma figura de seu amigo, pelo qual ela estava muitas vezes com o coração desolado. Assim ela fez pintar uma imagem que representasse o semblante do rei, que ela amava, mais próxima possível da apresentação em que ela o amava, e na afeição do amor de que estava tomada, e por meio desta imagem com seus outros usos, se representava o próprio rei (Mirouer, cap. I)¹⁴.

¹³ “Ceste Ame est emprainte en Dieu, et a sa vraye emprainture detenue par l’union d’amour; et a la maniere que la cire prent la forme du seel, en telle maniere a ceste Ame prinse l’emprainte de cest vray exemplaire. [...] Il convient, dit Amor, que ceste Ame soit semblable a la Deité car elle est muee em Dieu, dit Amor, par quoy elle a sa vraye forme detenue; laquelle luy est sans commencement octroiee et donnee de ung seul, qui l’a tousjours de as bonté amee. Hee, Amor, dit ceste Ame, le sens de ce qui est dit m’a fait nulle, et le nient de ce seul m’a mis en abysme dessous moins que nient sans mesure. Et la cognoissance de mon nient, dit ceste Ame, m’a donné le tout, et le nient de ce tout, dit ceste Ame, m’a tollu oraison et priere, et ne prie nient”. PORETE, M. *Lo specchio delle anime semplici*. Cinisello Balsamo (Milano): San Paolo, 1994, pp. 263-265.

¹⁴ “Mais si loing estoit ceste damoiselle de ce grant seigneur, ouquel elle avoit mis son amour d’elle mesmes, car veoir ne avoir ne le pouvoit ; par quoy en elle mesmes souvent estoit desconfortee, car nulle amour fors que ceste cy ne lui souffisoit. Et quant elle vit que ceste amour loingtaine, qui luy estoit si prouchaine ou dedans d’elle, estoit si loing dehors, elle se pensa que elle conforteroit sa masaise par ymaginacion d’aucune figure de son amy dont elle estoit souvent au cueur navree. Adonc fist elle paindre

O tema da alma-*imago* constitui o núcleo central do *Miroir*, expressando de forma peculiar a mística poretiana do esvaziamento: se a alma aniquilada participa da potência divina, significa que ela tem a capacidade de conhecer a verdade separando-se das realidades contingentes, que não são apenas as coisas, mas também sua própria natureza de alma. Então, a distância entre a alma e Deus se encurta até anular-se, porque, na união com Deus, a alma torna-se Deus, como ser, verdade e amor infinito.

Na mística de Marguerite, a absoluta plenitude do ser das criaturas é consequência da perda total das próprias características individuais: plenitude é, então, a plenitude do ser de Deus, limitado, do ponto de vista fenomênico, somente pelas características da criatura finita.

Aparecem, assim, perfeitamente consoantes as afirmações segundo as quais as obras são um nada diante da plenitude de uma vida divina, que se torna possível por meio de uma “*vie anientie*”¹⁵. Aniquilados o nome e a imagem, sinônimos de identidade individual, a alma retorna ao seu primeiro ser:

Ora a Alma está no estado primeiro do ser que é seu próprio ser, deixou três e de dois fez um. Mas quando há este um? Há este um quando a Alma é recolocada naquela simples divindade que é um único Ser simples que se expande na fruição, na plenitude de saber, sem sentimentos, acima do pensamento. Este Ser simples faz na Alma, por caridade, tudo aquilo que a Alma faz, porque a vontade tornou-se simples; aquela simples vontade não tem mais motivo de ser, depois que venceu a necessidade das duas naturezas, e em troca da vontade foi doado à Alma o Ser simples. E essa simples vontade, que é a vontade divina, põe a alma em estado divino: mais acima ninguém pode ir, nem mais abaixo descer, nem alguém pode estar mais nu (Mirouer, cap. CXXXVIIJ)¹⁶.

5 BEATI PAUPERES SPIRITU

A pregação eckhartiana que mais reflete as posições do apofatismo poretiano é a *Pr. 52 (Beati pauperes spiritu)*. Nela, o mestre dominicano descreve o homem

ung ymage qui representoit la semblance du roy, qu'elle amoit, au plus pres qu'elle peut de la presentacion dont elle l'amoit et en l'affection de l'amour dont elle estoit surprise, et par le moyen de ceste ymage avec ses autres usages songa le roy mesmes”. *Ibidem*, p. 132.

¹⁵ Cf. PORETE, M. *Op. Cit.*, p. 138.

¹⁶ “Or est ceste Ame en l'estre de ce premier estre qui est sin estre, et si a laissé trois, et a fait de deux ung. Mais quant est cest ung ? cest ung est, quant l'Ame est remise en celle simple Deité, qui est ung simple Estre d'espandue fruicion, en plain savoir, sans sentement, dessus la pensee. Ce simple Estre fair par charité en l'Ame quanque l'Ame fait, car le vouloir est simple devenu ; lequel simple vouloir n'a point de fait en luy, depuis qu'il ot vaincu la necessité de deux natures, la ou vouloir fut donné pour simple estre. Et ce simple vouloir, qui est divin vouloir, met l'Ame en divin estre : plus haut ne peut nul aler, ne plus parfont analer, ne plus nulz homs estre”. PORETE, M. *Op. Cit.*, pp. 492-494..

verdadeiramente pobre como aquele que nada quer, nada sabe e nada possui (“*nichts will und nichts weiß und nichts hat*”). A ausência da vontade própria, característica da alma aniquilada, torna a pessoa livre não apenas de práticas exteriores de piedade, mas também da imagem de Deus quando Ele é entendido como princípio das criaturas: “Por isso eu peço a Deus que me esvazie de Deus; pois meu ser essencial é acima de Deus, na medida em que compreendemos Deus como origem das criaturas”¹⁷.

Marguerite, de forma semelhante, “dispensa” a imagem de Deus na experiência do ser Um, sem porquê, retornando à condição anterior à criação, quando não havia nenhuma determinação e a alma era nua, como o próprio Deus:

“Tudo para ela é uma coisa só, sem porquê, e ela é nada nesse um. Então não sabe mais o que fazer de Deus quanto Deus dela. Por que? Porque Ele é e ela não é. Ela não retém nada para si mesma, pois isto é para ela o bastante, quer dizer, que Ele é e ela não é. Então ela é nua de todas as coisas, porque não tem ser, lá onde era antes de ser” (Mirouer, cap. CXXXV)¹⁸.

CONCLUSÃO

Tanto na beguina quanto no dominicano, a relação paradigmática com Deus deixa de ser tal para se tornar um retorno a uma fonte, a um fundo do Ser, que Eckhart chama *Gottheit* (Deidade) e Marguerite *Néant* (Nada). Se a *âme* simples e aniquilada de Marguerite faz calar toda oposição entre natureza e alma, a *Seele* de Eckhart retira e desprende do tempo, da multiplicidade e das imagens. O traço distintivo de seus caminhos de negação radical é a liberdade, uma liberdade que seus inquisidores enxergaram como uma antinômica “liberdade de”, mas que para ambos era uma “liberdade para” e uma libertação de Deus.

¹⁷ “Darum bitte ich Gott, daß er mich ‘Gottes’ quitt mache; denn mein wesentliches Sein ist oberhalb von Gott, sofern wir Gott als Ursprung der Kreaturen fassen”. MEISTER ECKHART. *Die deutschen Werke*. Hsg. von J. Quint, Kohlhammer, Stuttgart-Berlin, DW II,502,7-9. Cf. também *Id. Sermões Alemães. Vol. I – Sermões 1 a 60*. Bragança Pta/Petrópolis: Ed. São Francisco/Vozes, 2006, p. 291.

¹⁸ “*Totum est sibi unum sine propter quid, et est nulla in tali uno. Tunc nihil habet plus facere de Deo quam Deus de ea.. Quare? Quia Ipse est et ipsa non est. Tunc est omnibus rebus nuda, quia ipsa est sine esse, ubi ipsa erat, antequam esset*”. PORETE, M. *Op. Cit.*, p. 488..

REFERÊNCIAS

BORRIELLO, L.; CARUANA E.; DEL GENIO, M.R.; SUFFI, N. (orgs.). **Dizionario di Mística**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998.

FALBEL, N. **Heresias Medievais**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PORETE, M. **Lo specchio delle anime semplici**. Cinisello Balsamo (Milano): San Paolo, 1994.

McGINN, B. (org.). **Meister Eckhart and the Beguine Mystics**. Hadewijch of Brabant, Metchthild of Magdeburg and Marguerite Porete. New York: Continuum, 2001.

MEISTER ECKHART. **Die deutschen Werke**. Hsg. von J. Quint, Kohlhammer, Stuttgart-Berlin, 1936.

MEISTER ECKHART. **Sermões Alemães**. v.1 – Sermões 1 a 60. Bragança Pta/Petrópolis: São Francisco/ Vozes, 2006.

RASCHIETTI, M. **Questiones Eckhartianae**: o Uno e o Ser, a Alma, o Agora Eterno, o Nascimento do Logos. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2004. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000340488>

RASCHIETTI, M. **A imagem sem imagem**: uma abordagem da teoria do conhecimento de Meister Eckhart através do princípio hermenêutico da Imago-Bild. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2008.

RUH, K. Meister Eckhart. Teologo, Predicatore, Místico. Brescia: Morcelliana, 1989.

Artigo: Recebido em: 03/04/2010 Aceito em: 13/05/2010
